

## Análise funcional dos usos de LONGE DE em língua portuguesa

### Functional analysis of the uses of LONGE DE in Portuguese

Ivo da Costa do Rosário<sup>1</sup>  
Gláucia dos Santos Nogueira<sup>2</sup>

**Resumo:** Com base nos princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2015; 2022b; 2023; Rosário; Oliveira, 2016), o objetivo deste artigo é descrever e analisar três diferentes usos de *longe de*, em perspectiva sincrônica, a partir de dados da modalidade escrita da língua portuguesa. Para isso, realizamos uma análise quantitativa e qualitativa do fenômeno, com um foco maior na análise qualitativa. Os dados foram extraídos do *Corpus do Português*, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>. As análises realizadas levaram-nos à confirmação da hipótese de que há três padrões de uso de *longe de* na atual sincronia do português: padrão 1 (valor preposicional), padrão 2 (valor predicativo) e padrão 3 (valor conectivo). No padrão 1, [*longe de*]<sub>prep</sub> serve para ligar sintagmas no nível suboracional. No padrão 2, [*longe + de*]<sub>pred</sub> integra um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo. Por fim, no padrão 3, que é o foco principal desta pesquisa, [*longe de*]<sub>connect</sub> comporta-se como uma microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão.

**Palavras-chave:** Linguística Funcional Centrada no Uso. Microconstrução conectora. Hipotaxe. Exclusão. *Longe de*.

**Abstract:** Based on the principles of Usage-Based Functional Linguistics (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2015; 2022b; 2023; Rosário; Oliveira, 2016), this article aims to describe and analyze three distinct uses of "longe de" in a synchronic perspective, based on data from the written modality of Portuguese. To this end, a quantitative and qualitative analysis of the phenomenon is conducted, with a greater emphasis on qualitative analysis. The data was extracted from the *Corpus do Português*, available at <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>. The analyses led us to confirm the hypothesis that there are three usage patterns of "longe de" in the current synchrony of Portuguese: pattern 1 (prepositional value), pattern 2 (predicative value), and pattern 3 (connective value). In pattern 1, [*longe de*]<sub>prep</sub> serves to link phrases at the sub-sentential level. In pattern 2, [*longe + de*]<sub>pred</sub> integrates a phrase whose function is analogous to that of a predicative. Finally, in pattern 3, which is the main focus of this research, [*longe de*]<sub>connect</sub> behaves as a microconstruction with the function of connecting non-finite hypotactic clauses, conveying the semantic notion of exclusion.

**Keywords:** Usage-Based Functional Linguistics. Connector microconstruction. Hypotaxis. Exclusion. *Longe de*.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [ivorosario@id.uff.br](mailto:ivorosario@id.uff.br).

<sup>2</sup> Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: [gsnogueira@id.uff.br](mailto:gsnogueira@id.uff.br).

## Considerações iniciais

O estudo da conexão de orações, tal como apresentado na tradição, está normalmente associado à categoria das conjunções, que são tradicionalmente classificadas como elementos gramaticais responsáveis pelos processos de coordenação e de subordinação (Cunha; Cintra, 1985; Lima, 2011). No entanto, o dinamismo presente na língua em uso pode revelar instabilidades capazes de produzir alterações nos padrões gramaticais já convencionalizados, surgindo, com isso, novas formas e novos significados, inclusive no campo da conexão de sintagmas e de orações.

O uso de [longe de]<sub>connect</sub> como um conector que relaciona orações com sentido de exclusão é um exemplo concreto de como a língua se (re)modela e se atualiza nos usos. De fato, as gramáticas do português não apresentam a expressão *longe de* como responsável pela ligação de orações, mas apenas como preposição complexa ou locução prepositiva (cf. Azeredo, 2008). Ao lado desses dois usos (locução prepositiva e conector de orações), há ainda um terceiro padrão, em que a ligação entre as subpartes *longe* e *de* é ainda mais “frouxa”. Vejamos inicialmente um dado de cada padrão de uso:

- (1) # Comerciante foi uma das últimas pessoas a ver a menina Thayná de Jesus no dia do sequestro # Há 17 dias a estudante Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos, está **longe de casa**, da escola da mãe, a costureira Clemilda Aparecida de Jesus, 39. A menina foi vista pela última vez no dia 17 do mês passado, procurando caixas de papelão, no bairro Universal, em Viana, para ajudar na mudança da família.<sup>3</sup>
- (2) Num depararmos-nos com uma obediência passiva, apesar de voluntária; no outro, com uma independência desdenhosa da experiência e desconfiada em relação a toda a autoridade. Estas duas tendências, aparentemente tão dissonantes, estão **longe de ser conflituosas**: ambas progredem em conjunto e apoiam -- se mutuamente. [...] A liberdade considera a religião sua parceira em todos os seus combates e triunfos, o berço da sua infância e a fonte divina das suas reivindicações.<sup>4</sup>
- (3) O máximo que se permite é, eventualmente, substituir a latinha de cerveja por uma taça de vinho. Uma só. **Longe de ser exceção**, a história de Ivelise exemplifica uma tendência. Segundo dados do Ministério da Saúde em 27 cidades brasileiras, o uso abusivo de álcool (mais de quatro doses para mulheres e mais de cinco para homens em uma mesma ocasião) tem se mantido igual entre eles, mas está aumentando no caso delas.<sup>5</sup>

No dado (1), *longe de* liga o contexto precedente ao substantivo “casa”. Nesse uso, *longe de* encontra-se em conformidade com o que é proposto pela tradição gramatical, já que atua como subordinador de termos, tal como é o caso das chamadas locuções prepositivas ou preposições complexas. A expressão *longe de*, em (1), estabelece, no campo do

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2017/11/reportagem-refaz-os-passos-de-thayna-de-casa-ate-ser-sequestrada-1014105996.html>.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://abrancoalmeida.com/ciencias/politica/o-misterio-ingles-e-a-corrente-de-ouro/Acesso>.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://alcooolismo.com.br/artigos/por-que-elas-estao-bebendo-tanto/>.

significado, uma relação espacial de distanciamento do sujeito: “a estudante Thayná Andressa de Jesus Prado” está *longe* (distante) de sua “casa”, espaço físico. A locução prepositiva, nesse caso, preserva boa parte do sentido original do advérbio *longe*.

Já nos dados (2) e (3), encontramos usos oracionais de *longe de*, não previstos pelas gramáticas. Apesar de ser flagrado em contexto oracional, em (2), *longe de* não se comporta propriamente como conector. O exame do dado revela que há dois blocos de informação relativamente marcados, chamados aqui, respectivamente, de segmento 1 e segmento 2: “Estas duas tendências estão longe” + “de ser conflituosas”. Diante dessa observação, parece haver uma fronteira entre os dois segmentos, de modo que *longe* e *de*, de alguma forma, pertencem a duas diferentes porções de informação. Nessa proposta de análise, *longe* funciona como predicativo do sujeito (“Estas duas tendências estão *longe*”), sendo marcado por necessidade de complementação, o que é cumprido justamente pelo segmento “de ser conflituosas”. Por esse motivo, não podemos dizer que, nesse dado, *longe de* apresenta a função de conector de orações, pois ainda não temos uma verdadeira fusão entre *longe* e *de*.

Em (3), *longe* e *de* apresentam-se em um uso mais integrado, com maior fusão entre as subpartes. Já não temos [*longe* + *de*], como no padrão 2, mas [*longe de*]. Em termos morfossintáticos, *longe de* funciona como um conector, estabelecendo uma relação de exclusão, de modo análogo ao que ocorre com as clássicas conjunções subordinativas adverbiais da gramática normativa. Não se trata propriamente de uma conjunção convencionalizada, pois só conecta orações infinitivas, além de ainda revelar efeitos de persistência (cf. Hopper, 1991). De fato, apesar de denotar exclusão, esse elemento procedural ainda resguarda parte de sua carga semântica original de distanciamento, como será mais bem desenvolvido adiante. Contudo, a verdade é que o papel funcional de *longe de*, nesse contexto de uso, sem dúvida, é semelhante ao das conjunções hipotáticas. Nesse dado (3), já não se observa verbo copulativo à esquerda de *longe de*, o que também colabora para afastar seu uso do padrão 2, de valor predicativo. Por fim, a posição inicial absoluta de *longe de*, associada ao valor semântico de exclusão, indica claramente que, nesse contexto, sua função sintático-semântica é distinta das anteriores.

É possível que os usos ilustrados em (1) e (2), respectivamente [*longe de*]<sub>prep</sub> e [*longe* + *de*]<sub>pred</sub>, evidenciem etapas anteriores à formação de [*longe de*]<sub>connect</sub>, dado seu maior grau de gramaticalidade e pela maior integração sintático-semântica das suas subpartes (cf. Rosário, 2022a). Contudo, apesar de essa hipótese ser verossímil, não será aprofundada neste trabalho.

Uma vez realizada a apresentação dos três padrões de uso de *longe de*, devemos informar que este trabalho se filia a um projeto mais amplo de investigação realizado pelo autor principal deste artigo, o Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário (UFF/CNPq/Faperj), que busca descrever e analisar a rede esquemática [*X de*]<sub>connect</sub> em língua portuguesa (cf. Rosário,

2022a). Esse projeto, por sua vez, é desenvolvido no contexto do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações<sup>6</sup>, sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Esse grupo dedica-se à investigação de padrões de uso e à análise descritiva de fenômenos da língua portuguesa, amparados pelo arcabouço teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU).

A partir da hipótese central de que a rede [X de]<sub>connect</sub> abriga diferentes microconstruções com função de conectar orações hipotáticas não finitas em língua portuguesa, neste trabalho específico, procuramos investigar o comportamento formal e funcional de uma das microconstruções conectoras pertencentes a essa rede, no caso, [longe de]<sub>connect</sub>, em cotejo com outros padrões associados: [longe de]<sub>prep</sub> e [longe + de]<sub>pred</sub>.

Justificamos a escolha desse objeto de pesquisa por haver necessidade de mais investigações que visem a aprofundar o estudo da língua em uso, em especial, de uma série de elementos não canônicos ainda pouco explorados pelas obras de referência. Esses elementos são justamente as microconstruções conectoras pertencentes à rede [X de]<sub>connect</sub>, como é o caso de *além de* (Rosário; Santos, 2020), *antes de* (Rosário; Machado, 2022), *atrás de* (Rosário; Machado, 2023), *com o objetivo de* (Rosário; Souza, 2022), *perto de* (Rosário; Pessoa, 2023), *por conta de* (Rosário; Oliveira, 2023) e de outros.

Este trabalho está organizado em cinco seções. Após estas considerações iniciais, apresentamos muito brevemente a Revisão da Literatura, com foco em dois pontos principais: as propriedades da palavra “longe” e o papel funcional das locuções prepositivas em português. Consideramos que esses dois pontos são importantes para uma melhor compreensão dos padrões funcionais de *longe de*.

Em seguida, para alcançarmos o nosso objetivo de investigação, que é a descrição da forma e do significado dos usos de *longe de*, com maior foco na microconstrução conectora [longe de]<sub>connect</sub>, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU, que é resultante da união da Linguística Funcional (LF) com a Linguística Cognitiva (LC) e com a Gramática de Construções (GC). Com a integração dessas correntes teóricas, os fenômenos linguísticos passaram a ser investigados e analisados a partir de um olhar mais holístico ou global, atentando-se tanto para os usos propriamente ditos quanto para os mecanismos cognitivos mobilizados para sua efetiva produção nas línguas naturais.

No arcabouço da LFCU, a estrutura de uma língua é modelada nos usos, a partir das necessidades discursivas dos falantes e dos escreventes. Logo, a língua deve ser vista como uma entidade fluida e mutável, e não como um sistema autônomo, já que ela é uma resposta contínua às pressões do discurso (Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2013). As pressões a que as línguas estão sujeitas podem ser de ordem pragmática, cognitiva ou discursiva.

---

<sup>6</sup> <http://cco.sites.uff.br/>

A mobilização desse corpo teórico é feita em consonância com uma cuidadosa coleta de dados extraídos do *Corpus do Português*, interface NOW. Para investigar os usos reais da língua, é fundamental que haja seleção de dados autênticos, extraídos da língua corrente, como é o caso do *corpus* selecionado para esta pesquisa.

Em seguida, partimos para a análise de dados, com a seleção de algumas ocorrências que serão analisadas principalmente no plano qualitativo. Por fim, apresentamos algumas considerações finais, seguidas das referências bibliográficas consultadas para este estudo.

## Revisão da Literatura

Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Cunha (2010, p. 2068), a palavra *longe* é originária do latim e significa *distante*. No *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis* (on-line), encontramos a seguinte definição para o verbete *longe*:

*Longe*: 1 (adv) A uma grande distância no espaço, em relação a um ponto de origem: “Verônica tirou a chave da bolsa e hesitou um instante. Pela primeira vez entraria naquele pequeno apartamento sabendo que ele não estava ali. Deixara-o no Jardim da Saudade, hora e meia antes, num bairro muito *longe* da Glória” (CA); 2 (adv) A uma grande distância no tempo, passado ou futuro, em relação ao momento presente: “– Pois bem, Sr. Augusto, veja como verificou-se o prognóstico que fiz do seu futuro! Não se lembra que aqui mesmo lhe disse ‘que não *longe* estava o dia em que o Sr. havia de esquecer sua mulher?’ – Mas eu nunca fui casado... – murmurou o estudante” (JMM).

A definição apresentada pelo Dicionário Michaelis nos oferece importantes pontos para reflexão. Em primeiro lugar, a acepção nº 1 indica um uso canônico do advérbio *longe*, que corresponde justamente ao padrão 1, tal como tem sido apresentado neste artigo. De fato, o advérbio *longe* integra uma locução prepositiva responsável por ligar um nome, como está no exemplo fornecido pela obra: “num bairro muito *longe da* Glória” (grifo nosso).

Nesse exemplo anterior, ao mesmo tempo em que há preservação do valor espacial do advérbio *longe*, que, inclusive, é intensificado por *muito*, também se verifica, no contexto de uso, o seu papel morfossintático de locução prepositiva. Na perspectiva de Azeredo (2008, p. 197), “chama-se locução prepositiva a combinação estável de palavras que equivale a uma preposição. As locuções prepositivas são finalizadas por preposição e originam sintagmas preposicionais para funções adverbiais ou adjetivas”. Azeredo (2008, p. 197), aliás, lista *longe de* como um exemplo de locução prepositiva.

A segunda acepção oferecida pelo Dicionário Michaelis pode ser compreendida como uma extensão do significado original de *longe*. A hipótese localista (Traugott e Heine, 1991; Batoréo, 2000) defende que os sentidos espaciais concretos servem como fonte para outras noções mais abstratas. Assim, em “não *longe* estava o dia”, emprega-se o advérbio *longe* (originalmente designativo de afastamento espacial) para expressar a ideia de afastamento

temporal, o que é gerado por meio de uma extensão de sentido. De qualquer forma, ambas as acepções estão concentradas no valor adverbial atômico da palavra *longe*, sem qualquer referência aos padrões 2 e 3 investigados neste trabalho.

Em síntese, a análise do Dicionário Michaelis e de Azeredo (2008) revelam que o padrão 1 - [longe de]<sub>prep</sub> - já está registrado nos estudos gramaticais e lexicográficos da língua portuguesa, ao contrário dos outros usos. De fato, *longe de* está devidamente apresentado pelos autores quando seu uso se dá no nível frásico, subordinando termos, ou seja, fazendo ligação de base não oracional. Contudo, além da função de subordinador de termos, como é proposto pela prescrição normativa, observamos que *longe de* também é empregado em outros contextos de uso, ora com valor predicativo, ora com valor conectivo, como ilustramos em (2) e (3).

A constatação de que *longe de* pode cumprir outros papéis funcionais para além do estritamente canônico comprova a necessidade de uma análise mais detida dessa expressão em língua portuguesa. Até onde pudemos verificar, não encontramos descrições minimamente aprofundadas do papel funcional dos padrões 2 e 3, respectivamente [longe + de]<sub>pred</sub> (com função de integrar um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo) e [longe de]<sub>connect</sub> (microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão).

Para dar suporte à análise de dados empreendida, mobilizamos o arcabouço teórico-metodológico da LFCU, cujos princípios e bases centrais serão apresentados na seção seguinte deste trabalho.

### **Arcabouço teórico-metodológico**

Como já informado anteriormente, esta pesquisa ancora-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2015; 2022b; 2023; Rosário; Oliveira, 2016; Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta, 2015). Em vista disso, ocupamo-nos de examinar *longe de* nos planos da forma e do sentido, partindo do entendimento de que [longe de]<sub>connect</sub> é uma microconstrução conectora configurada como um pareamento de forma e significado.

A LFCU incorpora um conjunto de princípios gerais da Gramática de Construções, segundo a qual a língua é um inventário de pareamentos de forma-significado organizados em rede, em variados níveis de complexidade e abstração. Esses pareamentos são denominados *construções* (Goldberg, 1995; 2013; Croft, 2001). Nessa perspectiva teórica, léxico e sintaxe não constituem módulos separados, mas formam um *continuum* (Rosário, 2022b; 2023; Rosário; Oliveira, 2016). Essa rede de construções, por sua vez, compreende a totalidade do nosso conhecimento da língua e está interconectada a diferentes planos por relações de diversas naturezas, como fatores cognitivos e sociocomunicativos, que motivam

e regulam a estrutura da língua (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Ocorre, assim, uma articulação inalienável entre língua(gem), cognição, cultura, discurso e interação (Givón, 2001; Tomasello, 2005; Bybee, 2016).

Considerando que a língua é uma rede dinâmica de pareamentos de forma e significado, é natural que essa rede apresente diversos graus de instabilidade que conduzirão a processos de mudança linguística (Bybee, 2020; Traugott; Trousdale, 2013). A criação de um novo pareamento (FORMA<sub>NOVA</sub> - SIGNIFICADO<sub>NOVO</sub>) enseja a origem de um novo nó nessa grande rede cognitiva, com nova sintaxe e/ou morfologia, atrelada a um novo significado, cujo conteúdo é armazenado na memória dos falantes.

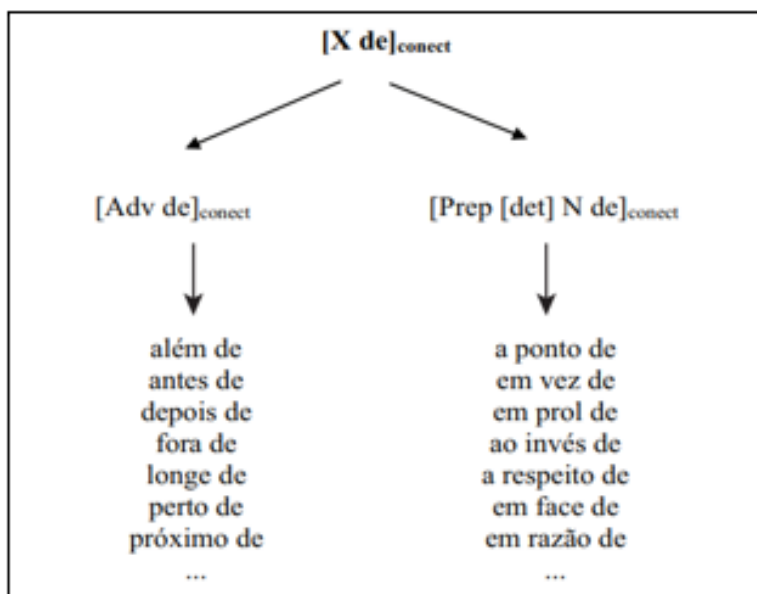
Conjugando essa constatação ao princípio básico funcionalista de que a língua se estrutura nos usos, a gramática é concebida como uma estrutura emergente (Hopper, 1991), suscetível à variação e à mudança. Em termos teóricos, isso explica por que o conjunto de conectores das línguas naturais nunca poderá ser caracterizado como uma lista fechada.

Partindo desses aspectos teóricos gerais, é importante destacarmos alguns conceitos muito relevantes para este trabalho, como os de esquematicidade, produtividade, composicionalidade, *chunking*, analogia, neoanálise, categorização e persistência. Para os três primeiros conceitos, vejamos o que nos diz Rosário (2022a, p. 366):

A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração das construções, tendo em vista que esses pareamentos simbólicos podem ser bastante abstratos ou bastante específicos (além de diversos pontos intermediários). Essa organização esquemática das construções tem sido representada por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: *esquema* > *subesquema* > *microconstrução*. Os constructos, por sua vez, são os *tokens* ou dados empiricamente comprovados no uso. A produtividade diz respeito à extensibilidade da construção, associada a sanções e restrições. O levantamento de frequência *type* e *token* também é importante nesse aspecto. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções. Pode ser de natureza sintática ou semântica.

Esses três conceitos – esquematicidade, composicionalidade e produtividade – têm importância central nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da LFCU. Por esse motivo, precisam ser mais detalhados. Para isso, vejamos a representação esquemática da rede [X de]<sub>connect</sub> em língua portuguesa, proposta por Rosário (2022a, p. 371):

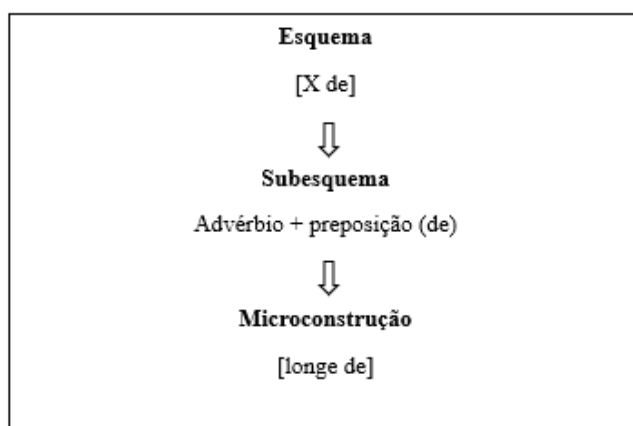
Esquema 1 - Rede dos conectores [X de] em língua portuguesa



Fonte: Rosário (2022a, p.371).

O esquema 1 ilustra uma parte da rede [X de]<sub>connect</sub>. Essa representação esquemática apresenta uma parcela dos conectores em uso no português. No nível mais alto, nível do *esquema*, temos [X de]<sub>connect</sub>. No nível intermediário, temos os *subesquemas*. Destacamos o *subesquema* [Adv + de], ao qual [longe de]<sub>connect</sub> está ligado. Esse nível do *subesquema* é mais específico que o anterior, com relação à sua constituição morfológica. Por último, no nível mais baixo, estão as *microconstruções*, que são efetivamente os conectores utilizados para ligar orações não finitas em língua portuguesa. Nesse nível, destacamos a microconstrução que é o objeto central de nossa investigação. De modo mais particularizado, essa rede poderia ser esquematizada da seguinte forma:

Esquema 2 - Representação esquemática da construção *longe de*



Fonte: Elaboração própria.



No nível mais alto da rede, atestamos um maior grau de esquematicidade. À medida que “descemos” pelos graus mais baixos da rede, chegamos a maiores níveis de opacidade e, conseqüentemente, de menor esquematicidade.

O conceito de composicionalidade está associado ao grau de transparência entre forma e significado de uma construção. Segundo Traugott e Trousdale (2013), do ponto de vista construcional, a melhor maneira de pensar em composicionalidade é em termos de compatibilidade ou não entre aspectos da forma e do significado. Se aplicarmos o princípio da composicionalidade ao objeto de estudo, verificaremos que o padrão 1 - [longe de]<sub>prep</sub> – é marcado por [+composicionalidade], pois *longe* e *de* ainda preservam boa parte das propriedades de suas categorias-fonte. Isso também ocorre, de certa forma, no padrão 2 - [longe + de]<sub>pred</sub>. Apesar desse segundo padrão ser empregado para ligar orações, a perceptível fronteira entre ambos os elementos (simbolizada pelo sinal de +) comprova a relativa preservação das partes.

Já no padrão 3, há sensível perda de composicionalidade, pois [longe de]<sub>connect</sub> sofreu recategorização e mudança semântica. As subpartes *longe* e *de*, respectivamente, já não cumprem os seus papéis essenciais e primitivos de advérbio e de preposição. Ao contrário, ambos atuam juntos como uma nova unidade linguística no campo dos conectores. A microconstrução [longe de]<sub>connect</sub> já não é a simples justaposição do advérbio *longe* à preposição *de*. Ao contrário, esses dois elementos são “embalados” juntos e passam a cumprir uma nova função na língua, de modo muito semelhante ao que ocorreu, por exemplo, com as conjunções canônicas *ainda que*, *visto que*, *para que*. Essas conjunções surgiram na língua, respectivamente, a partir da justaposição de advérbio (*ainda*), particípio (*visto*) e preposição (*para*) ao subordinador por excelência *que* (cf. Barreto, 1999). Desde então, já não preservam totalmente a carga semântica de suas categorias de origem, mas veiculam outros sentidos, quais sejam: concessão, causa e finalidade.

De certa forma, o caminho percorrido por *longe de* (formado originalmente pelo advérbio *longe* + preposição *de*) não é tão distinto daquele trilhado por *ainda que* (formado originalmente pelo advérbio *ainda* + subordinador *que*). Em ambos os casos, houve “reaproveitamento” de material linguístico preexistente, visando ao cumprimento de uma nova função na língua (cf. Heine e Kuteva, 2007).

Neste ponto, cabe uma importante observação. Na função de conector, como vimos em (3), [longe de]<sub>connect</sub> passa a apresentar um significado predominante de exclusão, tornando mais opaco o significado original de distanciamento físico, típico do advérbio *longe*. Contudo, para sermos mais precisos, defendemos que o significado de distanciamento físico veiculado originalmente por *longe de*, quando na função de conector, ainda persiste, porém de forma bastante esmaecida. Isso pode ser explicado pelo princípio da persistência (Hopper, 1991), o qual prevê que, quando um elemento gramatical sofre mudança de uma função para outra,

alguns traços de seus significados originais permanecem, em algum grau, na forma derivada. Esse princípio explica por que, nos três padrões de *longe de*, há alguma preservação do sentido original de espaço e distância, ainda que em níveis bem distintos.

O último elemento da tríade conceitual é a produtividade. No campo da produtividade *type*, dizemos que a rede  $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$  amplia seu escopo a partir do momento em que novos elementos passam a cumprir o papel de conectores hipotáticos de orações infinitivas. Assim, quando  $[\text{longe de}]_{\text{connect}}$  surgiu na língua portuguesa com função de ligar orações de exclusão, houve conseqüentemente aumento de produtividade *type* da rede  $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$ . A produtividade *token*, por sua vez, indica a frequência de ocorrência desse elemento em uma dada amostra, o que será apresentado a seguir, quando tratarmos dos aspectos metodológicos da pesquisa.

Feitas essas observações sobre os conceitos de esquematicidade, composicionalidade e produtividade, precisamos agora definir *chunking* e analogia. Segundo Rosário (2022a, p. 366), *chunking* “refere-se à capacidade humana de construir estruturas recursivamente, propiciando um aumento de integração entre as partes. Os *chunks*, por sua vez, são unidades de organização da memória”. Como já foi indicado anteriormente, no padrão 2 -  $[\text{longe} + \text{de}]_{\text{pred}}$  – detectamos uma espécie de fronteira ou intervalo entre os elementos *longe* e *de*. Isso significa que esse padrão não é um *chunk* no sentido mais estrito do termo. Por outro lado, o padrão 3 -  $[\text{longe de}]_{\text{connect}}$  – é uma unidade de memória, já que o armazenamos como um item singular da língua, cuja função é conectar orações de exclusão. Nesse último caso, estamos, de fato, diante de um *chunk*. É importante destacar que sempre há uma gradiência no processo de *chunking* (cf. Bybee, 2016). Isso significa que o grau de vinculação das subpartes é variável, indo de um nível muito baixo até um nível muito alto. Quanto menor é o grau de composicionalidade, maior é a vinculação estabelecida pelo *chunking*.

Oliveira (2022, p. 84) indica que, “de acordo com Bybee (2016), a analogia é um processo cognitivo por meio do qual todos nós, como seres humanos, estamos sempre criando ou formulando algo a partir de um modelo já disponível”. De fato, a analogia está presente na cognição e na linguagem de modo muito premente.

Com relação ao trabalho aqui apresentado, defendemos que a formação de  $[\text{longe de}]_{\text{connect}}$  foi propiciada, entre outras razões, por força da analogia e da neoanálise. Já está comprovado que preposições e locuções prepositivas funcionam como um importante canal para a formação de conectores interoracionais (cf. Barreto, 1999; Heine e Kuteva, 2007). Além disso, o esquema  $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$  e o subesquema  $[\text{Adv de}]_{\text{connect}}$  funcionam como “modelos” atratores para a formação de novos elementos gramaticais de mesmo padrão. Como esses modelos já estão disponíveis na memória, nós, falantes, os aproveitamos para formar outros elementos com alguma semelhança formal e/ou funcional aos já estabelecidos.

Nesse processo de reaproveitamento de material linguístico, no plano sintagmático, elementos utilizados com frequência passam a ser analisados de outro modo, daí a neoanálise. Assim, *longe* e *de*, respectivamente advérbio e preposição, em justaposição, passam a cumprir um novo papel na língua, o de conector hipotático, sendo, dessa forma, *neoanalisados*, ou seja, analisados de um modo novo. Por meio da neoanálise, que tem caráter sintático e semântico, foi conferida a *longe de* uma nova interpretação nos planos da estrutura e do significado, o que permitiu a emergência de um novo pareamento simbólico na língua, qual seja, [longe de]<sub>connect</sub>.

Essas reflexões servem para comprovar que a rede [X de]<sub>connect</sub> não está isolada nem fechada. Ao contrário, articula-se com outras redes da língua portuguesa e está aberta a inovações, como têm comprovado as pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações.

Por fim, no plano teórico deste trabalho, abordamos o conceito de categorização, reconhecido por Bybee (2016) como um processo cognitivo de domínio geral. A categorização explica a forma como os elementos de uma língua são classificados de acordo com o grau de proximidade ou de distância de seus traços ou características em relação a um exemplar prototípico. Em todas as categorias, há exemplares mais centrais e outros mais marginais em comparação com o elemento prototípico ou mais central (cf. Rosário, 2022b). No campo dos conectores, há os elementos mais centrais, que são as conjunções *stricto sensu*, e há outros elementos menos canônicos, ou seja, mais marginais, como é o caso de *longe de*, responsável por ligar orações não finitas com sentido de exclusão.

Antes de concluirmos esta seção, é necessário apresentarmos algumas observações de cunho metodológico. Acerca do *corpus* utilizado nesta pesquisa, partindo do pressuposto que a língua é forjada nos usos (Rosário, 2015), os dados escolhidos foram extraídos de situações efetivas de interação verbal da atual sincronia da língua portuguesa. Para isso utilizamos o site *Corpus do Português* (<http://www.corpusdoportugues.org>), mais especificamente a interface *NOW*.

A coleta de dados e, conseqüentemente, a análise empreendida dos padrões de *longe de* conjugou fatores qualitativos e quantitativos, com foco maior neste último, dada a importância da descrição e interpretação a partir do enfoque indutivo observado nos dados coletados (Rosário, 2023).

As etapas posteriores incluíram a coleta de dados, que consistiu, primeiramente, no levantamento de todas as ocorrências que continham a sequência *longe de*. Do total de 68.406 ocorrências, selecionamos os 100 (cem) primeiros dados, tanto [+ composicionais] quanto [- composicionais]. Entende-se por uso [+ composicional] aquele em que *longe* apresenta função de advérbio e *de* apresenta valor de preposição, ligando termos, ou seja, estamos falando do padrão 1: [longe de]<sub>prep</sub>. Usos [- composicionais], por sua vez, são aqueles

em que *longe de* integra predicativos (padrão 2: [longe + de]<sub>pred</sub>) ou atua como conector, ligando orações (padrão 3: [longe de]<sub>connect</sub>). Os usos composicionais são concretos, ao passo que os usos menos composicionais são mais abstratos. Vejamos a Tabela 1 a seguir:

Tabela 1 - Usos concretos e abstratos de *longe de*

Tipos de ocorrências	Quantidade de Ocorrências
Sentido concreto	64
Sentido abstrato	36
<b>Total de ocorrências</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 1 indica uma primeira informação bastante relevante: o padrão 1 - [longe de]<sub>prep</sub> -, que serve para ligar sintagmas no nível suboracional, é o uso mais frequente no *corpus*, alcançando quase o dobro das ocorrências dos demais usos, aqui chamados “abstratos”. Esse ponto reforça a maior prototipicidade de *longe de* em seu papel de locução prepositiva, o que já era esperado.

Como esse uso já está previsto na literatura gramatical de um modo muito claro, passamos a concentrar nossa atenção nos chamados usos “abstratos”. Por esse motivo, em um segundo momento do desenvolvimento da pesquisa, coletamos mais 200 (duzentos) dados em que *longe de* apresentava uso [- composicional], atestado em contextos oracionais, configurando o que temos chamado nesse trabalho de padrão 2 - [longe + de]<sub>pred</sub> - e de padrão 3 - [longe de]<sub>connect</sub>.

A coleta desses 200 dados também foi realizada de modo semelhante à primeira coleta, sem distinção de gênero textual ou de domínio discursivo. Nessa segunda coleta, atestamos o seguinte:

Tabela 2 – Resultado das funções sintáticas de *longe de*

Tipos de Ocorrências	Quantidade de de Ocorrências	Porcentagem
Padrão 2 - [longe + de] <sub>pred</sub>	153	76,5%
Padrão 3 - [longe de] <sub>connect</sub>	47	23,5%
<b>Total de ocorrências</b>	<b>200</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria.

Nessa segunda coleta, atestamos que o uso do padrão 2 representa 76,5% dos dados encontrados, contra 23,5% dos dados do padrão 3. Esse quantitativo revela, mais uma vez, a baixa frequência no uso de [longe de]<sub>connect</sub>, o que confirma a hipótese geral de Rosário (2022a) com relação à baixa produtividade *token* dos conectores da rede [X de]<sub>connect</sub> de uma forma geral. Uma das razões para isso é seu uso restrito ao infinitivo verbal. Trata-se, portanto, de um uso bastante especializado. Além disso, destacamos que [longe de]<sub>connect</sub> serve para veicular a noção de exclusão que, por sua própria natureza, já não é muito usual na linguagem do dia a dia.

Uma vez apresentados os fundamentos teóricos e os procedimentos metodológicos mobilizados para esta pesquisa, a seção seguinte dedica-se à análise específica de dados. Antes de prosseguirmos, são necessárias três importantes observações. Em primeiro lugar, como já afirmado no início deste artigo, o nosso foco está no padrão 3, justamente por conta de esse uso se enquadrar no projeto mais amplo de pesquisa ao qual este trabalho se filia. Logo, esse é o padrão que será efetivamente ilustrado e discutido na próxima seção. Em segundo lugar, já deve ter ficado claro que optamos por realizar a análise dos padrões de uso de *longe de* desde as considerações iniciais deste artigo. Assim, na próxima seção, por uma questão de economia e de concisão, vamos apresentar somente os aspectos analíticos que ainda não foram devidamente aprofundados anteriormente. Por fim, precisamos frisar que a proposição de três padrões é uma opção didática para apresentar o objeto. O exame da língua em uso comumente apresenta dados ambíguos, fronteirizos e de difícil análise (Cf. Rosário, 2022a; 2022b) e isso, conseqüentemente, era um verdadeiro quadro de gradiência construcional. Essa é a realidade natural das línguas humanas. Logo, a proposição de padrões não quer fazer a defesa de qualquer visão aristotélica ou categórica acerca da análise dos dados, mas é apenas uma sistematização de cunho didático.

### Análise de Dados

Conforme já sinalizado anteriormente, no plano oracional, *longe de* apresenta funções predicativas e conectoras. O padrão 2 - [longe + de]<sub>pred</sub> - integra um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo. Por sua vez, o padrão 3 - [longe de]<sub>connect</sub> - é uma microconstrução cuja função é a de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão.

Vejamos mais um dado do padrão 2 - [longe + de]<sub>pred</sub>:

- (4) E esta nova orientação é representada por o homem que carregava um cântaro de água, a quem os discípulos encontrariam na cidade. A fé pessoal está longe / de ser perfeita, embora atenda às necessidades de então. É limitada pelas experiências da pessoa, pelos enganos, etc. Mas, sendo a maneira como a pessoa compreende, de seu modo, a Palavra, é

muito preciosa à vista do Senhor, pois que nela há inocência, humildade e vontade de se deixar ensinar e conduzir.<sup>7</sup>

Ao analisarmos o dado (4), observamos a ocorrência da seguinte estrutura no segmento 1: sujeito explícito (“a fé pessoal”) + verbo finito (“está”) + advérbio (“longe”). O segmento 2, por sua vez, constitui-se dos seguintes elementos: preposição (“de”) + verbo no infinitivo (“ser”) + adjetivo (“perfeita”). A organização dos elementos sintáticos atestada nos usos do padrão 2 é sempre muito similar ao que ocorre no dado (4). Aliás, essa é também a estrutura atestada em (2), apresentada nas considerações iniciais deste trabalho.

A análise aqui proposta é a de que há uma fronteira entre o advérbio *longe* e a preposição *de* (cf. Quirk *et al.*, 1950). Essa fronteira permite a segmentação do período em: (i) “A fé pessoal está longe”; e (ii) “de ser perfeita”. Há esse “distanciamento” entre *longe* e *de* porque esses dois elementos estão atuando em estruturas diferentes, separadas. Afinal, o elemento adverbial “longe” exige um complemento: “a fé está longe, mas está longe de quê?”. A resposta é: “de ser perfeita”. Assim, “longe” e “de” são marcados por certa autonomia.

Essa é a defesa que vínhamos fazendo ao longo deste artigo: o padrão 2 apresenta os elementos *longe* e *de*, de alguma forma, com uma maior autonomia sintático-semântica. Por outro lado, reconhecemos que há outra possibilidade de análise para esse padrão 2. De fato, seria razoável defender que a “divisão” do período em segmentos se dá de outra forma: “a fé pessoal está” + “longe de ser perfeita”. Nesse caso, teríamos *longe* e *de* mais integrados, visto que estariam juntos em um mesmo segmento, e não mais separados por um intervalo.

Na investigação de outro conector da rede [X de]<sub>connect</sub>, Rosário e Machado (2023, p. 297) encontraram um dado que apresenta alguma semelhança com o que verificamos em (2) e em (4). Eis o dado:

(5) Oitavo disco de inéditas do ruivo, o registro marca uma nova fase de sua carreira, agora como artista independente. “Faziam quatro anos que eu não lançava um disco de estúdio. Nesse meio-tempo, além da estrada, eu estava empenhado na estruturação do meu escritório”, conta Nando, em entrevista ao Hoje em Dia. “Agora que sou independente e tenho um selo, [fui **atrás de** criar modelos próprios], metodologias únicas para esse lançamento”, completa.” (CP, Notícia, 01 mar. 2018).<sup>8</sup>

No trabalho, foi indicado que o trecho “fui atrás de criar modelos próprios” poderia ser segmentado sintaticamente de duas formas: (a) “fui atrás / de criar modelos próprios”, ou (b) “fui atrás de / criar modelos próprios”. Essa é a explicação oferecida para ambas as propostas de segmentação:

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://24.229.2.221/sermoes/79.html>. Acesso em: 5 dez. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www. hojeemdia.com.br/almanaque/nando-reis-encerra-turn%C3%AA-de-jardim-pomar-com-show-em-belo-horizonte-neste-s%C3%A1bado-1.602636>. Acesso em: 4 set. 2022.

Se interpretarmos o dado como em (a), estaremos diante de uma estrutura de complementação. A oração “de criar modelos próprios” poderia ser classificada como uma estrutura completiva, considerando que a oração não finita “completa” o advérbio “atrás”. De outro lado, se a interpretação seguir na linha do que é apresentado em (b), teremos uma estrutura de hipotaxe, assumindo-se que o verbo *ir* (flexionado como *fuí*) é tradicionalmente considerado intransitivo e está seguido de uma oração com valor circunstancial. Essa dupla interpretação, advinda da ambiguidade estrutural de *atrás de*, deve-se justamente a um grau intermediário de composicionalidade entre as subpartes *atrás* e *de*. [...] Isso ocorre devido um “*chunking* progressivo” atestado entre os dois elementos que constituem a construção. (Rosário; Machado, 2023, p. 299)

Por um ponto de vista, os dados (4) e (5) evidenciam que, apesar de próximos, os elementos (*longe + de* e *atrás + de*) não são conceptualizados juntos, já que esse uso é [+composicional]. Isso significa dizer que cada um desses termos preserva os seus traços sintático-semânticos e, conseqüentemente, [*longe*] + [*de*] e [*atrás*] + [*de*] mostram que o fenômeno de neanálise não atuou de modo definitivo sobre essas ocorrências. Logo, nesses casos, não seria possível falar em *chunking*. Ainda nessa perspectiva, os segmentos “de ser perfeita” (no dado 4) e “de criar modelos próprios” (no dado 5) teriam comportamento análogo ao de uma oração completiva nominal, uma vez que essas estruturas argumentativas servem justamente para complementar substantivos, adjetivos ou advérbios, conforme parece acontecer nesses casos.

Por outro ponto de vista, *longe de* e *atrás de* já estariam associados entre si e embalados como uma unidade gramatical, de modo semelhante ao que ocorre nos padrões 1 e 3, em que já não temos [*longe + de*], mas [*longe de*]. Nesse caso, teríamos *longe* e *de* mais integrados, visto que estariam juntos em um mesmo segmento, e não mais separados por um intervalo. Em outras palavras, seria um caso de maior nível de *chunking*.

A verdade é que o padrão 2 é marcado por instabilidade categorial e por ambiguidade estrutural, dado que não há uma análise inequívoca para interpretá-lo. Ambos os pontos de vista anteriormente apresentados são verossímeis, com a ressalva de que, a partir de uma perspectiva ou de outra, com relação ao dado (4), continuaremos tendo um uso predicativo, pois tanto “*longe + de ser perfeita*” quanto “*longe de ser perfeita*” estão à direita do verbo copulativo flexionado “*está*”. Em ambas as interpretações, *longe de* integra uma estrutura cuja função é qualificar ou caracterizar o sujeito.

A ambiguidade estrutural do padrão 2 reforça, ainda, a hipótese de que *longe de*, em (4), indica uma espécie de etapa anterior à formação de um conector propriamente dito, pois, apesar de *longe* e *de* estarem em posição circunvizinha, não há total integração de suas subpartes ou *chunking*. A inexistência de uma conjugação indissociável entre *longe* e *de* leva-nos a concluir que (ainda) não houve as condições necessárias para a atuação da neanálise no padrão 2.

A seguir, apresentamos ocorrências em que *longe de* apresenta função conectora. Trata-se do padrão 3 – [longe de]<sub>connect</sub> – em que há uma microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão, sem marcas evidentes de ambiguidade estrutural ou de valor predicativo. O comportamento dessa microconstrução é semelhante ao das tradicionais conjunções subordinativas adverbiais apresentadas pela tradição gramatical, com algumas ressalvas que serão feitas adiante.

Segundo Hopper e Traugott (2003), a hipotaxe situa-se em um grau intermediário entre a parataxe e o encaixamento, sendo marcada pelos traços de [+dependência] e [-encaixamento]. As chamadas orações hipotáticas englobam as adverbiais, tal como são chamadas essas estruturas complexas pela tradição normativa. Com base nos postulados de Hopper e Traugott (2003), consideremos o dado a seguir:

- (6) Por duas vezes, cruzamentos do setor buscaram Rafael Sobis, mas a bola sempre ficou com o goleiro Fernando Miguel. **Longe de fazer um bom jogo**, o Inter voltou a ter dificuldades jogando fora de casa. E o castigo veio no fim do primeiro tempo, com dois gols sofridos em menos de cinco minutos. O primeiro gol, aos 43 minutos, começou em jogada de Rossi.<sup>9</sup>

Em (6), o uso de *longe de* estabelece uma relação lógico-semântica entre a oração “fazer um bom jogo” e “o Inter voltou a ter dificuldades jogando fora de casa”. No plano sintático, temos duas orações: a primeira é instanciada pelo conector [longe de]<sub>connect</sub>, em posição inicial absoluta. Logo, não cumpre nenhum papel predicativo, o que exclui esse uso do padrão 2. O fato de a oração infinitiva estar anteposta também revela outra importante propriedade, que é [-encaixamento]. Com isso, definitivamente excluimos essa oração do grupo das completivas. Outra observação de cunho sintático é que estamos diante de uma estrutura oracional infinitiva instanciada por um verbo (no caso, “fazer”). Isso afasta o dado (6) do padrão 1, cuja marca principal é a de ligar sintagmas no plano suboracional.

No plano semântico, também há uma diferença bastante marcante, já que [longe de]<sub>connect</sub> veicula o sentido de exclusão, e não mais de distância física ou de distância temporal em sentido estrito. A oração de exclusão cumpre um papel de margem ou de fundo no período, à semelhança das hipotáticas em geral. Tem papel adjuntivo, funcionando como parte acessória da informação nuclear. Logo, caracteriza-se como uma oração marcada pelo traço de [+dependência].

Assim como os autores tradicionais, Castilho (2010) também classifica *longe de* como locução prepositiva. Contudo, ele apresenta outras informações muito relevantes para a compreensão do nosso objeto de pesquisa. Segundo o pesquisador, as locuções apresentam sentido de base e outros sentidos derivados. A locução prepositiva *longe de* é incluída pelo

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/esportes/inter/inter-perde-para-o-vasco-em-s%C3%A3o-janu%C3%A1rio-1.344124>. Acesso em: 18 jun. 2023.



linguista no chamado eixo espacial distal, assim caracterizado: “as preposições deste eixo localizam a figura num espaço [...] distante em relação ao ponto de referência” (Castilho, 2010, p. 604).

A noção de distância veiculada pelo advérbio *longe* sofreu alguns processos metafóricos. Se um objeto ou entidade está DISTANTE, então esse mesmo objeto ou entidade é EXCLUÍDO da nossa presença. Assim, distância e exclusão são noções semânticas muito próximas. Se eu digo que quero a tristeza “distante” de mim, isso significa, na prática, que quero “excluir” a tristeza da minha vida. Em outras palavras, o sentido de afastamento veiculado pelo advérbio *longe* torna-se mais abstrato e passa a significar a ideia de exclusão, já que tanto *distância* quanto *exclusão* são formas de afastamento.

Voltando ao dado (6), a oração infinitiva “longe de fazer um bom jogo” indica que não ocorreu “um bom jogo” ou, alternativamente, ocorreu algo “longe” ou “distante” disso. Assim, “exclui-se” ou “afasta-se” a ideia de que houve um bom jogo por parte do Inter. Com o afastamento de algo da cena, conseqüentemente ocorre uma exclusão. Essa é a motivação cognitiva para que o advérbio do eixo espacial distal *longe* migre para uma significação de conector hipotático de exclusão.

Analisemos mais um dado do Padrão 3, ou seja, de uso conector:

(7) O vídeo veiculado na noite de ontem, **longe de** mostrar Neymar agredindo Najila Trindade, mostra-o se esquivando de ataques dela e saindo rápido da cena. O vídeo parece uma tentativa frustrada de incriminá-lo, e que acaba saindo pela culatra, por minar a credibilidade da acusadora.<sup>10</sup>

No dado (7), mais uma vez observamos que *longe de* apresenta um comportamento gramatical diferente daquele atestado nos padrões 1 e 2. É diferente do padrão 1, pois não revela um uso estritamente preposicional. Ao contrário, *longe de* serve para ligar uma oração infinitiva nucleada pelo verbo “mostrar”. Também é diferente do padrão 2, pois não há absolutamente nenhum intervalo, fronteira ou ambigüidade sintática entre *longe* e *de*. Ademais, não se nota a presença de verbo à esquerda desses elementos, o que poderia configurá-los como parte de um complemento. Assim, em (7), *longe de* é um conector hipotático de exclusão, atuando como uma microconstrução totalmente integrada, ou seja, é um *chunk*, derivado de um processo de perda de composicionalidade e pelo efeito da neoanálise. *Longe* e *de* encontram-se nessa construção acoplados, e, com isso, os sentidos e as funções que antes eram interpretados de maneiras separadas, agora são conceptualizados juntos.

A análise dos dados (3), (6) e (7) comprova que [longe de]<sub>connect</sub> é distinto de [longe + de]<sub>pred</sub> e de [longe de]<sub>prep</sub>. Ao contrário do que vimos nos padrões 1 e 2, [longe de]<sub>connect</sub> ganha

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/blog/joel-pinheiro-da-fonseca/o-tribunal-de-neymar/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

nova forma e novo significado. A nova forma deriva do seu maior grau de fusão, com recategorização, já que não há mais advérbio *longe* + preposição *de*, mas o conector *longe de*. A nova função deriva de seu papel funcional de ligar orações hipotáticas de exclusão, afastando-se do valor originalmente mais básico de afastamento no espaço, tal como vimos frisando neste trabalho.

A maior vinculação entre *longe* e *de*, como um verdadeiro *chunk*, pode ser comprovada a partir da possibilidade de inversão da oração de exclusão em (7), visto que é perfeitamente admissível a seguinte paráfrase:

(7') "**Longe de** mostrar Neymar agredindo Najila Trindade, o vídeo veiculado na noite de ontem mostra-o se esquivando de ataques dela e saindo rápido da cena"; sem que a construção se torne agramatical ou inaceitável.

Os testes de mobilidade posicional, realizados com base em dados do *corpus*, são muito importantes para a defesa do estatuto de conector hipotático de *longe de*. Afinal, a mobilidade da oração confirma uma das características mais marcantes da hipotaxe como processo de ligação oracional.

As orações hipotáticas "Longe de fazer um bom jogo" (dado 6) e "longe de mostrar Neymar agredindo Najila Trindade" (dado 7), com base nos postulados de Hopper e Traugott (2003), apresentam o traço [+dependência] e [-encaixamento], pois não se integram estruturalmente à oração matriz, mas apresentam valor circunstancial, à semelhança de um adjunto com função de incluir uma informação de cunho mais acessório ao discurso.

Ainda com relação ao traço de [- encaixamento], é importante destacar um ponto adicional. Como já foi indicado aqui, a mobilidade posicional é uma marca importante das orações hipotáticas. Inclusive o dado (7') revela essa propriedade, ao apresentar uma paráfrase possível de (7). Por outro lado, a observação e a análise sistemática dos dados têm demonstrado que as orações instanciadas por *longe de* (e as orações da rede [X de]<sub>connect</sub> de um modo geral) nem sempre apresentam a mobilidade típica das adverbiais canônicas. Assim, por exemplo, não seria muito natural a posposição da oração hipotática de exclusão analisada em (6). Vejamos: (6') O Inter voltou a ter dificuldades jogando fora de casa **longe de fazer um bom jogo** (?)

Esse uso pouco natural (ou até mesmo inverossímil) atestado em (6') indica que a oração hipotática de exclusão instanciada por *longe de* não apresenta mobilidade posicional em todas as suas realizações. Em alguns casos isso é possível (como no dado 7), mas em outros, não soa natural (como no dado 6). Contudo, ainda assim defendemos o seu caráter hipotático, por, no mínimo, duas razões:

1. As orações de exclusão instanciadas por *longe de* são sempre não finitas. Essa propriedade, por sua própria natureza, já não reflete um estatuto oracional pleno para essas

construções da língua portuguesa. A falta de flexão de modo, tempo, número e pessoa acaba sendo impeditiva de uma maior mobilidade posicional da oração, justamente porque, uma vez alterada a ordem da hipotática, a própria sintaxe das infinitivas não oferece meios suficientes para sua adaptação ao novo contexto sintático.

2. Em uma visão funcionalista da linguagem, não se espera que absolutamente todos os elementos de uma dada categoria tenham rigorosamente as mesmas propriedades. Com relação ao caso em investigação, é possível e coerente defender que a hipotaxe apresenta gradiência (cf. Rosário, 2022b) e, por conta disso, haveria orações mais prototípicas (justamente as finitas) e outras não prototípicas (como é o caso das hipotáticas não finitas de exclusão).

Contudo, embora haja situações em que não seja possível a mobilidade plena das hipotáticas de exclusão, ainda assim a análise dos dados permitiu a constatação de que há orações desse tipo semântico em três diferentes posições: intercalação, anteposição e posposição. Vejamos:

Tabela 3 - Posição da oração hipotática de exclusão

<i>Posição</i>	<i>Dados</i>	<i>Frequência</i>
Intercalação	24	51%
Anteposição	21	44%
Posposição	2	5%
<b>Total</b>	<b>47</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração própria.

Os dados de intercalação e de anteposição de orações instanciadas por [longe de]<sub>connect</sub> são muito mais frequentes, somando juntos 95% das ocorrências. O dado (7) anteriormente apresentado indica um uso de intercalação, que serve para destacar algum elemento do discurso. Na prática, uma oração de exclusão intercalada cumpre o papel de afastar ou de negar alguma propriedade, característica ou elemento de uma entidade ou conjunto maior. Assim, no dado (7), a oração de exclusão apresenta um elemento (“agressão a Najila Trindade”) que é negado no conteúdo do vídeo veiculado. Essa oração serve discursivamente para proteger a imagem de Neymar. Assim, a oração intercalada instanciada por [longe de]<sub>connect</sub> afasta/nega o que é dito em seguida.

Os dados (3) e (6), por sua vez, indicam usos de anteposição, cujo efeito semântico-pragmático é o de enquadrar uma informação para o que será dito em seguida. Trata-se de um uso normalmente planejado pelo falante ou escrevente, com foco em um determinado efeito discursivo, comumente ligado ao desejo de convencimento do ouvinte ou leitor. Vejamos mais dois dados de anteposição:

(8) O cantor assumiu um relacionamento com Léo Moreira que é modelo e os dois moram juntos em Orlando. Há poucos dias o casal publicou fotos juntos se divertindo na Disney. Longe da influência de ter sido um ex-ganhador do The Voice Brasil, Sam vive como pode nos Eua. Ele nunca revelou o que fez com os 500 mil reais que recebeu de premiação no programa.<sup>11</sup>

(9) Depois de ler a mensagem, Yussuf disse que não tinha escolha a não ser obedecer. Longe de perder a paciência, o preso pediu para terminar o jogo e o diretor concordou. Eles jogaram por várias horas, até que Yusuf deu xeque ao movimentar um bispo.<sup>12</sup>

Em ambos os casos, [longe de]<sub>connect</sub> foi empregado com o sentido discursivo de introduzir uma informação antecipatória. Em termos pragmáticos, o falante ou escrevente insere uma informação que inicialmente visa a tirar de cena alguma informação importante. Essa é, afinal, a função da exclusão: negar ou afastar algo.

Em (8), o fato de Sam ter sido o vencedor do *The Voice Brasil* é um elemento importante a ser destacado. A vitória do cantor nesse programa naturalmente o projetaria na mídia. Contudo, há uma intencionalidade de contrapor essa ideia ao fato de Sam viver “como pode nos EUA”. Logo, a oração de exclusão desempenha papel muito relevante na organização do discurso, sempre a serviço de um determinado propósito comunicativo, já que colabora para a orientação argumentativa.

Já em (9), “perder a paciência” seria uma atitude normal para Yussuf, devido ao contexto de pressão vivido por ele. Contudo, paradoxalmente Yussuf não perde a paciência e resolve “obedecer”. Esse dado, assim como os demais, revela uma interface entre exclusão e contraste. Afinal, no jogo argumentativo, há um cotejo entre o que é mantido na cena e o que é excluído da situação. Esse cotejo se dá por meio da diferença (entre presença e exclusão); daí a noção de contraste.

Em termos morfossintáticos, vejamos a questão da mobilidade posicional:

(8) Longe da influência de ter sido um ex-ganhador do The Voice Brasil, Sam vive como pode nos EUA.

(8') Sam vive como pode nos EUA, longe da influência de ter sido um ex-ganhador do The Voice Brasil.

(9) Longe de perder a paciência, o preso pediu para terminar o jogo.

(9') O preso pediu para terminar o jogo longe de perder a paciência (?)

Em (8'), soa natural que a oração de exclusão esteja posposta à matriz. Naturalmente, em termos semântico-pragmáticos, qualquer mudança na ordem altera, ainda que

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.obuxiogospel.com.br/2019/06/cantor-gospel-deixa-igreja-e-assume-homossexualidade-e-vive-como-motorista-de-uber/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://ahduvido.com.br/o-jogo-de-xadrez-que-salvou-a-vida-de-um-rei-em-1408>. Acesso em: 5 dez. 2022.

minimamente, o sentido do texto. Contudo, julgamos perfeitamente aceitável tanto (8) quanto (8'). De modo diferente, isso já não é atestado no cotejo entre (9) e (9'), visto que a paráfrase do dado gera uma estrutura inverossímil ou pouco natural. Com isso, mais uma vez, atestamos a gradiência das orações hipotáticas de exclusão. Certamente há elementos formais e/ou funcionais que possam explicar a possibilidade de paráfrase em alguns momentos e a impossibilidade em outros. Contudo, esse é um tópico que precisa ser explorado em outro estudo.

Por fim, vejamos um dado de posposição, que é o tipo mais raro atestado, contando somente com duas ocorrências ao total:

(10) Certas narrativas populares sugerem o império do inferno na quebra de alianças. # *Pior*: a própria suposta aliança não fora, na origem, plenamente ética e sim interesseira e circunstancial, portanto, longe de ser um fenômeno constituinte. Há, também, rezas pactárias, bastante encontradas sob opressão muito violenta, como inquisição e ameaça de genocídio. Nada a ver com a oração espetacular dos poderes genuflexos guiados por um pastor midiático há alguns dias.<sup>13</sup>

Consideramos esse dado muito especial, já que a oração de exclusão vem após outro conector, no caso, *portanto*. Trata-se de uma oração de exclusão (“longe de ser um fenômeno constituinte”) enquadrada em um contexto mais geral de conclusão. Essa configuração diferenciada pode ser um fator favorecedor da posposição da oração de exclusão. As orações pospostas, em geral, assumem um caráter de adendo ou de pós-reflexão. Esse uso compatibiliza-se com o de conclusão, criando efeitos de sentido muito particulares. Daí sua baixa frequência de uso.

As análises realizadas nesta seção, aliadas a outros pontos desta investigação, foram capazes de apresentar as principais propriedades formais e funcionais dos três padrões de uso de *longe de*, com destaque para as orações hipotáticas de exclusão instanciadas por [longe de]<sub>connect</sub>. Com base nos pontos apresentados, vamos tecer, em seguida, algumas breves considerações finais.

### Considerações finais

Baseados nos princípios teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, procuramos descrever e analisar, neste trabalho, três diferentes padrões de usos de *longe de* na língua portuguesa. A seguir, sintetizamos os principais achados relacionados a cada um deles:

- Padrão 1 - [longe de]<sub>prep</sub>. Esse padrão serve para ligar sintagmas no nível suboracional. Trata-se de um uso normalmente atestado nas gramáticas e em obras de

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/o-pacto-e-os-pactarios/>. Acesso em 20 ago. 2023.

referência. É reconhecido como locução prepositiva ou preposição complexa. Designa tanto usos espaciais (como “longe de casa”) quanto usos temporais (como “longe do ano que vem”). É o uso mais frequente no *corpus* analisado, provavelmente devido à sua tipicidade.

- Padrão 2 - [longe + de]<sub>pred</sub>. Esse padrão integra um sintagma cuja função é análoga à de um predicativo. É empregado em usos oracionais, sendo marcado por ambiguidade sintática. De um ponto de vista, pode ser considerado um *chunk* ainda com relativa autonomia; de outra perspectiva, há uma fronteira entre as suas duas subpartes. Comumente é recrutado no discurso para apresentar algum tipo de qualificação.

- Padrão 3 – [longe de]<sub>connect</sub>. Esse padrão é uma microconstrução com a função de conectar orações hipotáticas não finitas, veiculando a noção semântica de exclusão. Pertence à rede [X de]<sub>connect</sub>. Emprega-se em orações finitas com traço de [+dependência] e [-encaixamento]. Por esse motivo, tem função de apresentar uma relação adjuntiva circunstancial. É um uso menos frequente dentre os três padrões.

Em uma visão funcionalista, alinhada aos princípios da abordagem construcional da gramática, a língua está em constante remodelação. Novos nós e *links* realinham-se continuamente, de modo a atender a necessidades comunicativas diversas apresentadas por falantes e escreventes. Essas são motivações para que ocorram neoanálises, analogias, recategorizações e expansões. Foi o que ocorreu com o advérbio espacial *longe* que, por meio de remodelações formais e funcionais, passou a ser empregado em outros usos.

Com a perda progressiva de composicionalidade, isto é, com a perda do grau de transparência entre forma e significado, *longe de* gradualmente expandiu seu escopo de preposição complexa ou locução prepositiva, com sentido de distanciamento no espaço, para o uso como conector hipotático de exclusão. Assim, no uso conector, as subpartes *longe* e *de* encontram-se vinculadas, de forma de que os sentidos e funções, que eram interpretados separadamente, passaram a ser conceptualizados juntos com sentido distinto do convencional. Com isso, a rede [X de]<sub>connect</sub> sofreu aumento de esquematicidade e de produtividade.

No plano do significado, o valor original de afastamento no eixo espacial distal (cf. Castilho, 2010, p. 604) sofreu projeções metafóricas, fazendo com que esse sentido mais concreto desse também origem a um valor mais abstrato de afastamento, culminando no sentido de exclusão. Isso foi possível porque tanto *distância* quanto *exclusão* são formas de afastamento.

Sem dúvida, o estudo de *longe de* ainda precisa ser aprofundado. Uma imersão na diacronia poderá revelar aspectos por ora apenas hipotetizados neste trabalho. Também é necessário analisar mais profundamente a possível fronteira entre os elementos “longe” e “de”, reveladora de ambiguidade estrutural no padrão 2. Pode ser que essa fronteira seja mais

evidente em alguns casos e nem tanto em outros. Por fim, a própria mobilidade posicional das orações hipotáticas de exclusão ainda demanda um estudo mais detalhado.

Enfim, ainda há muitas frentes a serem desbravadas. *Longe de considerar o assunto encerrado*, é importante que as pesquisas avancem rumo a um quadro mais conclusivo ou abrangente do assunto. Contudo, esperamos que este artigo tenha permitido uma proveitosa incursão no tema.

## Referências

- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARRETO, T. M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. 1999. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BATORÉO, H. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. **Mudança Linguística**. Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CROFT, W. **Radical Construction Grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 4. ed. revis. e atualizada de acordo com a nova ortografia. Lexicon, Rio de Janeiro, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.
- GIVÓN, T. **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press. 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar**: a reconstruction. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

OLIVEIRA, M. R. Linguística Funcional norte-americana: gramaticalização e lexicalização, reanálise e analogia. In: ROSÁRIO, I. C. **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: EdUFF, 2022. p. 54-91.

QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G.; SVARTVIK, J. **A Comprehensive Grammar of the English Language**. London and New York: Longman, 1950.

ROSÁRIO, I. C. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (org.). **Linguística centrada no uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015. p. 36-50.

ROSÁRIO, I. C. Esquema [X de]<sub>connect</sub> em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso. **Matraga**, v. 29, n. 56, p. 362-378, 2022a.

ROSÁRIO, I. C. **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: EdUFF, 2022b.

ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho, RO: Edufro, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, B. A. Usos da construção causal POR CONTA DE X no português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 20, p. 185-210, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 2, n. 60, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, I. C.; MACHADO, M. M. Do espaço-tempo ao contraste, à condição e à finalidade: uma análise funcional centrada no uso do conector hipotático ANTES DE. **Prolíngua**, v. 17, p. 46-61, 2022.

ROSÁRIO, I. C.; MACHADO, M. M. Análise do conector [atrás de] – uma visão funcional centrada no uso. **Entrepalavras**, v. 13, p. 285-307, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; PESSÔA, V. L. E. Análise da microconstrução PERTO DE sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Confluência**, v. 32, p. 128-154, 2023.

ROSÁRIO, I. C.; SANTOS, M. S. Construções hipotáticas oracionais de extensão. **Estudos de Linguagem**, v. 18, p. 45-64, 2020.

ROSÁRIO, I. C.; SOUZA, Brenda da Silva. Análise dos conectores “com o objetivo de” e “com o intuito de” à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Estudos de Linguagem**, v. 30, p. 1032-1055, 2022.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language: a usage-based theory of language acquisition**. Cambridge: Harvard University Press, 2005.



TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization**: focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LONGE. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/longe>.

## Sobre os autores

*Ivo da Costa do Rosário*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

É graduado em Letras (Português, Inglês e respectivas literaturas) pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ) e graduado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem especialização em Docência do Ensino Fundamental e Médio (FEITA-Itaboraí), especialização em Língua Portuguesa (FFP-UERJ), especialização em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (LANTE-UFF) e especialização em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho (UFPI). É mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concluiu pós-doutorado em Estudos de Linguagem (UFRN). Atualmente é professor associado de língua portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. É o atual coordenador do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF (2022-2025), docente permanente e orientador no mestrado e doutorado. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2.

*Gláucia dos Santos Nogueira*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4869-2627>

Doutoranda e mestre em Estudos de Linguagem pelo Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui pós-graduação em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC- SP e graduação em Letras- Português/Italiano pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente é professora de Língua Portuguesa na rede pública municipal de ensino e integra o grupo de estudo Discurso Gramática (DG-UFF), que tem como foco desenvolver pesquisas dos fenômenos relativos à continuidade, à variabilidade e à mudança morfossintática na língua portuguesa.

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.